

# *Institutos Históricos e Geográficos no Brasil: acervos, intelectuais e historiografias*

Magno Francisco de Jesus Santos<sup>1</sup>  
Samuel Barros de Medeiros Albuquerque<sup>2</sup>

Desde o século XIX, os institutos históricos se constituíram como espaços privilegiados nos fazeres historiográficos no Brasil. Fosse por meio do fomento à publicação de livros, ou por meio das páginas das revistas institucionais, ou ainda pelo compromisso na salvaguarda documental, os sodalícios contribuíram para instituir e legitimar a nação. Além disso, contribuíram para estimular a construção das identidades estaduais e municipais nas diferentes regiões no país.

Inspirado no Instituto Histórico e Geográfico de Paris, integrantes da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional fundaram, em 1838, no Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), tido como a Casa da Memória Nacional. À sombra da política centralizadora imperial, o IHGB atuou ao longo do oitocentos, pautado no desígnio de congregar letrados e de reunir acervos (ALBUQUERQUE, 2016). Para isso, em diferentes momentos foram constituídas comissões institucionais que percorreram as províncias/estados, identificando e reunindo documentos que passariam a ser custodiados pelo Silogeu (GUIMARÃES, 2006; SANTOS, 2023).

Ainda no período imperial, a atuação do IHGB acabou por inspirar a fundação de instituições congêneres, votivas ao fomento da escrita das histórias provinciais. Sobre esse movimento são exemplares as iniciativas de fundação de institutos históricos provinciais em São Pedro do Rio Grande do Sul (1854; 1860), Bahia (1856), Pernambuco (1862), Alagoas (1869) e Ceará (1887). Todavia, apesar de adotarem por modelo e quase sempre terem replicado o estatuto da Casa da Memória Nacional, a proliferação dessas instituições provinciais transmutou-se em eco de um contraponto à centralidade do IHGB nos fazeres historiográficos no Brasil.

Somando-se os esforços do IHGB aos das instituições congêneres, é possível afirmar que esses espaços se tornaram os principais centros de produção e difusão da historiografia brasileira entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Decerto, essas instituições nem sempre serviram de palco inaugural dos fazeres historiográficos locais, mas, certamente, se constituíram como principais lócus de reunião de letrados comprometidos com a reflexão coletiva sobre a história (ALBUQUERQUE, 2021). Com isso, constituídos por elites culturais que, em grande medida, confundiam-se com as elites políticas locais, os institutos tiveram seus projetos amplamente financiados pelas esferas do poder público e mantiveram-se imbuídos da produção de saberes

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFF. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq-2. E-mail: [magno.santos@ufrn.br](mailto:magno.santos@ufrn.br)

<sup>2</sup> Doutor em História pela UFBA. Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [samuclaracaju@gmail.com](mailto:samuclaracaju@gmail.com)

históricos que atendiam aos interesses e demandas do Estado. Tratava-se, por vezes, de uma historiografia pragmática, funcional, escrita como prestação de serviço público (SANTOS, 2023).

Os institutos históricos e geográficos constituem, dessa forma, um campo de pesquisa privilegiado na historiografia brasileira, tanto com investigações que mobilizam o IHGB, como nas pesquisas que fitam as instituições congêneres estaduais e municipais. Contudo, apesar da relevância e do número expressivo de investigações que acionam os institutos como objeto de reflexão, em grande medida essas pesquisas convergem para uma maior ênfase na experiência do IHGB, notadamente ao longo do século XIX (GUIMARÃES, 2006; GUIMARÃES, 2011; OLIVEIRA, 2011), ou para a atuação dos institutos estaduais ao longo dos primeiros decênios republicanos (FERREIRA, 2002; FREITAS, 2002).

Essa polarização aos poucos vem sendo sanada, mesmo que ainda de forma pulverizada, por meio da emergência de teses, dissertações, artigos, coletâneas e dossiês que tencionam questões como a salvaguarda e usos dos acervos, as redes de sociabilidades e a atuação de intelectuais, bem como a produção historiográfica em diferentes espaços e temporalidades (SANTOS, 2024). São exames que têm contribuído para a renovação historiográfica e complexificado as leituras atinentes aos sodalícios. Nesta seara, por meio da proposição deste dossiê, propugnou-se uma ação voltada a agregar pesquisas que se debruçam sobre diferentes interfaces dos institutos históricos e geográficos no Brasil.

Este dossiê é um desdobramento do Simpósio Temático *Institutos Históricos e Geográficos no Brasil: acervos, intelectuais e historiografias*, cuja primeira edição integrou a programação do 32º Simpósio Nacional de História da ANPUH Brasil, ocorrido na cidade de São Luís, no Maranhão, em 2023. O ST reuniu estudos que mobilizavam múltiplos aspectos atinentes aos institutos históricos e geográficos no Brasil. Sua realização representou o ato inaugural de uma iniciativa que ambiciona constituir um campo de discussão que articule pesquisas que tratam do IHGB e das instituições congêneres estaduais e municipais. Sua ênfase recai sobre a formação e os usos de acervos, a constituição de redes de sociabilidades e a atuação de letrados e intelectuais, bem como, os usos do passado em perspectiva historiográfica por meio da escrita da história nos séculos XIX, XX e XXI.

Como incremento da proposta inicial, elaborou-se o projeto *Por todos os sertões vizinhos: historiografia, sertões e fronteiras nos institutos históricos do Brasil oitocentista (1838-1900)*, contemplado pela Chamada CNPq/MCTI N. 10/2023. A atividade busca agregar investigadores de diferentes instituições do Brasil e do Canadá, reunidos sob a premissa de discutir como se deu a construção narrativa dos sertões nos escritos historiográficos publicados pelos periódicos institucionais oitocentistas.

Desse modo, este dossiê temático implicou na confluência dos esforços em promover a articulação de pesquisas que discorrem sobre os institutos históricos. A proposta resultou em uma considerável anuência de pesquisadores brasileiros, com a recepção de 16 textos que trazem como escopo os institutos históricos de diferentes regiões do país e que tematizam tanto a Casa de Memória Nacional, quanto os sodalícios congêneres estaduais e municipais. Trata-se de um indício que sinaliza a vitalidade da temática e o potencial das novas pesquisas no âmbito da história da historiografia brasileira.

Onze desses textos constituem o dossiê. Descerra-o o revelador artigo de Arthur Torquato e Carla Brandalise sobre a atuação dos intelectuais do IHGB no Congresso Luso-Brasileiro de História, em 1940. No bloco de trabalhos que o sucede, estão estudos que se debruçam sobre múltiplas facetas de institutos provinciais/estaduais ao longo das suas trajetórias. São eles: o oportuno artigo de Dirceu Marroquim e George Félix Cabral de Souza que, no ano em que celebramos o bicentenário da Confederação do Equador, revisita uma polêmica que movimentou a vida intelectual pernambucana há cerca de cem anos: a data em que fora deflagrada a confederação – 2 ou 24 de julho de 1824?; o estudo de Gian Carlo de Melo Silva e Sofia Holanda Sodré de Brito Silva acerca da figura e do legado heurístico do major Bonifácio da Silveira, um proeminente membro de Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e estudioso da história alagoana; o trabalho de Michele Gonçalves Cardoso, que estuda o acervo e a rede de sociabilidade constituída pelo padre João Leonir Dall’Alba (1938-2006), influente membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; e o trabalho de Bruno M. Braga e José Geraldo Xavier dos Anjos sobre a trajetória da casa da memória e da história amazonense: o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Trabalhos que abordam, por ângulos e temporalidades diversas, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte constituem um bloco específico de artigos deste dossiê. A abundância de estudos sobre o IHGRN é indício claro da pujança desse campo de estudos entre os historiadores norte-rio-grandenses. Encontram-se aqui os trabalhos de: Bruno Balbino Costa, sobre as celebrações promovidas pelo IHGRN em torno da memória de duas proeminentes figuras do Império: Caxias e Pedro II; Sarah Sucar, sobre aspectos do legado intelectual do atuante membro do IHGRN Vicente de Lemos circunscrito ao ano de 1907; Clivya Nobre, inquerindo o papel do IHGRN a partir dos estudos de história da historiografia norte-rio-grandense; Laísa Fernanda Santos de Farias, Ledson Marcos e Olívia Neta, investigando a difusão do conhecimento histórico em dois importantes periódicos potiguares: A Revista do IHGRN e a revista *Pedagogium*.

Encerram este dossiê dois textos que se debruçam e, ao mesmo tempo, apontam para a vitalidade e a disseminação dos institutos históricos municipais. São eles: o estudo de Renan Marques Birro e José Pereira de Souza Júnior, sobre o Instituto Histórico de Carpina, em Pernambuco; e o trabalho de Arnaldo Matin Szlachta Junior, Josemir Camio de Melo e Wilian Bonete sobre o Instituto Histórico, Arqueológico e Geográfico de Goiana, também em Pernambuco, e suas parcerias com a UFPE.

Eis um amplo e diverso conjunto de estudos voltados para os Institutos Históricos no Brasil. Desejamos aos leitores da *Mneme* uma experiência de leitura tão instigante e enriquecedora quanto a que tivemos ao organizar este dossiê.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **A carta da condessa**: família, mulheres e educação no Brasil do século XIX. São Cristóvão: Editora UFS, 2016.

ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **Felisbello, Thetis e Ibarê**: contribuições aos estudos de história da historiografia. São Cristóvão: Editora UFS, 2021.

ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação**: fábrica de heróis e formação dos brasileiros. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

FERREIRA, Antonio Celso. **A epopeia bandeirante**: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: UNESP, 2002.

FERREIRA, Antonio Celso; MAHL, Marcelo Lapuente (Orgs). **Os Institutos Históricos e Geográficos**: nação e região na historiografia brasileira. Campinas: Pontes, 2017.

FREITAS, Itamar. **A escrita da História na Casa de Sergipe (1913-1999)**. São Cristóvão: EDUFS, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. **A República, a História e o IHGB**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. **Da Escola Palatina ao Silogeu**: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938). Rio de Janeiro: Museu da República, 2006.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. **Debaixo da imediata proteção imperial**: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). 2ª. Edição. São Paulo: Annablume, 2011.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Historiografia e nação no Brasil**: 1838-1857. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

KODAMA, Kaori. **Os índios no Império do Brasil**: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; São Paulo: EDUSP, 2009.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como um problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. A Casa das Alagoas e as “cousas do passado”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, n. 43, pp. 81-94, 2013.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a invenção da historiografia sergipana. In: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros; SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTOS, Ane Luíse Silva Mecnas (Orgs.). **História, memória e comemorações na Casa de Sergipe**. Aracaju: IHGSE, 2014. pp. 107-156.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “No pó dos velhos arquivos descurados”: a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a invenção do passado potiguar (1902-1903). **História Revista**, v. 25, n. 1, pp. 116-132, 2020.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “A guarda fiel de nossas tradições e da nossa História”: o Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e os heróis potiguares (1902-1917). In: BRITTO, Clovis Carvalho; CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da; CERAVOLO, Suely Moraes (Orgs.). **Estilhaços da memória: o Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico; Salvador: Observatório da Museologia na Bahia [UFBA/CNPq], 2020. pp. 159-176.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Perlustrando vários documentos guardados: a questão dos limites interestaduais e a heurística nos arquivos do antigo norte do Brasil. **Acervo:** Revista do Arquivo Nacional. Vol. 36, n. 3. Rio de Janeiro, 2023, p. 1-31.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Um problema historiográfico: a questão dos limites interestaduais no antigo Norte do Brasil. **Revista Brasileira de História.** vol 44, n. 95, 2024, p. 1-24.

SHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). 9ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.